

PAUL AUSTER

Invisível

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Paul Auster

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Invisible

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auster, Paul

Invisível / Paul Auster ; tradução Rubens Figueiredo. — São Paulo :

Companhia das Letras, 2010.

Título original: Invisible

ISBN 978-85-359-1651-5

1. Contos norte-americanos I. Título.

10-03006

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

I.

Apertei a mão dele pela primeira vez na primavera de 1967. Na época eu era estudante do segundo ano na universidade Columbia, um garoto ignorante, cheio de apetite por livros e com a crença (ou ilusão) de que um dia eu seria bom o bastante para poder me chamar de poeta, e, como eu lia poesia, já havia encontrado o seu xará no inferno de Dante, um morto que se esgueirava entre os últimos versos do canto 28 do *Inferno*. Bertran de Born, o poeta provençal do século XII, que levava, segura pelos cabelos, a própria cabeça cortada, a qual balançava para trás e para a frente como um lampião — sem dúvida uma das imagens mais grotescas naquele catálogo de alucinações e tormentos em forma de livro. Dante era um leal defensor da obra de De Born, mas condenou-o à danação eterna por ter aconselhado o príncipe Henrique a se rebelar contra o pai, o rei Henrique II, e, como De Born provocou o rompimento entre pai e filho e os transformou em inimigos, o engenhoso castigo de Dante foi separar De Born dele mesmo. Por isso o corpo decapitado vagava gemendo no outro mundo e pergun-

tando ao viajante florentino se algum sofrimento poderia ser mais terrível que o seu.

Quando se apresentou como Rudolf Born, meus pensamentos logo se voltaram para o poeta. Algum parentesco com Bertran?, perguntei.

Ah, respondeu ele, aquela criatura infeliz que perdeu a cabeça. Talvez, mas não parece provável, eu receio. Não tenho nenhum *de* no nome. É preciso ser da nobreza para isso, e a triste verdade é que posso ser qualquer coisa menos um nobre.

Não tenho lembrança do motivo por que eu estava lá. Alguém deve ter me chamado para ir junto, mas quem foi essa pessoa é uma coisa que se evaporou da minha cabeça há muito tempo desde então. Não consigo lembrar nem onde foi a festa — na parte alta ou na parte baixa da cidade, num apartamento ou num sótão — nem sequer o meu motivo para aceitar o convite, uma vez que eu preferia evitar grandes aglomerações na época, ficava desorientado com o barulho do falatório das multidões, tolhido pela timidez que tomava conta de mim na presença de gente que eu não conhecia. Mas naquela noite, de forma inexplicável, eu disse sim, e lá fui eu com o meu amigo esquecido para onde quer que ele estivesse me levando.

O que lembro é isto: a certa altura da noite, acabei me vendo sozinho, em pé num canto da sala. Estava fumando um cigarro e olhando para as pessoas do lado de fora, dúzias e dúzias de corpos jovens amontoados nos limites daquele espaço, ouvindo o alarido emaranhado de palavras e risos, e me perguntei que diabo eu estava fazendo lá e pensei que talvez já estivesse na hora de ir embora. Havia um cinzeiro em cima de um aparelho de calefação à minha esquerda, e, quando me virei para apagar meu cigarro, vi que o receptáculo cheio de guimbas estava se erguendo na minha direção, aninhado na palma da mão de um homem. Sem que eu tivesse percebido, duas pessoas tinham aca-

bado de sentar sobre o aparelho de calefação, um homem e uma mulher, os dois mais velhos do que eu, sem dúvida mais velhos do que qualquer um na sala — ele por volta dos trinta e cinco, ela já à beira dos trinta anos ou com trinta e poucos.

Formavam um casal incongruente, me pareceu, Born num terno de linho branco amarrotado e um pouco encardido, com uma camisa branca igualmente amarrotada por baixo do paletó, e a mulher (cujo nome mais tarde eu soube ser Margot) vestida de preto. Quando agradei pelo cinzeiro, ele me dirigiu um breve e cordial aceno de cabeça e disse *O prazer é meu* com um levíssimo sotaque estrangeiro. Francês ou alemão, não consegui identificar, pois seu inglês era quase impecável. Que mais eu vi naqueles primeiros instantes? Pele pálida, cabelo avermelhado e descuidado (mais curto que o cabelo da maioria dos homens na época), rosto largo e simpático, sem nada particularmente característico (um rosto genérico, de certo modo, um rosto que se tornaria invisível em qualquer multidão), e olhos castanhos e firmes, os olhos inquiridores de um homem que parecia não ter medo de nada. Nem magro nem pesado, nem alto nem baixo, mas apesar disso dava uma impressão de força física, talvez por causa da solidez das mãos. Quanto a Margot, ficou sentada sem mover nenhum músculo, fitando o vazio, como se a missão dela na vida fosse mostrar um ar entediado. Mas era atraente, profundamente atraente para os meus vinte anos de idade, com seus cabelos pretos, o suéter preto de gola rulê, minissaia preta, botas pretas de couro, e uma maquiagem pesada e preta em torno dos grandes olhos verdes. Não uma beleza, talvez, mas um simulacro de beleza, como se o estilo e a sofisticação de sua aparência corporificassem um ideal feminino daquele tempo.

Born disse que ele e Margot estavam quase indo embora, mas me avistaram sozinho no canto e, como eu parecia infeliz, resolveram se aproximar e me animar um pouco — só para ter

certeza de que eu não ia cortar a garganta antes de a noite chegar ao fim. Eu não tinha a mínima ideia de como interpretar suas palavras. Será que aquele homem estava me insultando, me perguntei, ou estaria de fato tentando mostrar alguma bondade para um jovem estranho e perdido? As palavras em si tinham um certo teor jocoso, que desarmava, mas o aspecto dos olhos de Born ao dizer aquelas palavras era frio e reservado, e não pude deixar de ter a sensação de que ele estava me testando, escarnecendo de mim, por razões que eu não conseguia nem de longe entender.

Dei de ombros, dirigi-lhe um ligeiro sorriso e disse: Acredite se quiser, estou me divertindo como nunca na vida.

Foi aí que ele se levantou, apertou minha mão e me disse seu nome. Após minha pergunta sobre Bertran de Born, ele me apresentou Margot, que sorriu para mim em silêncio e depois voltou à sua tarefa de fitar o vazio com ar indiferente.

A julgar pela sua idade, disse Born, e a julgar por seu conhecimento de poetas obscuros, eu diria que você é um universitário. Estudante de literatura, sem dúvida. Universidade de Nova York ou Columbia?

Columbia.

Columbia, suspirou ele. Que lugar mais desolador.

Você conhece?

Estou dando aulas na Escola de Relações Internacionais desde setembro. Professor visitante, contrato de um ano. Felizmente, já estamos em abril e vou voltar para Paris daqui a dois meses.

Então é francês.

Por acaso, inclinação e passaporte. Mas suíço de nascimento.

Suíço francês ou suíço alemão? Estou ouvindo um pouco das duas coisas na sua voz.

Born emitiu com a língua o som de uma risadinha e, depois, fitou-me nos olhos com atenção. Você tem um ouvido apurado, disse ele. De fato, *sou* as duas coisas — o produto híbrido de uma

mãe germanófono e um pai francófono. Cresci indo e vindo entre os dois idiomas.

Em dúvida sobre o que dizer em seguida, fiquei calado um momento e depois fiz uma pergunta inocente: E o que está lecionando na nossa universidade desoladora?

Desastre.

É um tema bem amplo, não acha?

Mais especificamente, os desastres do colonialismo francês. Estou dando um curso sobre a perda da Argélia e outro sobre a perda da Indochina.

Essa guerra adorável que herdamos de vocês.

Nunca subestime a importância de uma guerra. A guerra é a expressão mais pura e mais vívida da alma humana.

Você está começando a falar como um poeta sem cabeça.

Ah, é?

Suponho que você não leu nada dele.

Nem uma palavra. Só o conhecimento daquela passagem de Dante.

De Born foi um bom poeta, talvez até um poeta excelente — mas profundamente perturbador. Escreveu alguns poemas de amor cativantes e um lamento comovente após a morte do príncipe Henrique, mas seu tema de fato, a única coisa com que ele parecia se importar com alguma paixão autêntica, era a guerra. Era totalmente entusiasmado pelo assunto.

Sei, disse Born, e me dirigiu um sorriso irônico. Um homem afim ao meu coração.

Estou falando do prazer de ver homens partirem o crânio uns dos outros e deixarem os miolos expostos, de ver castelos desmoronarem e arderem em chamas, de ver os mortos com lanças atravessadas de um lado a outro do corpo. É o tema da sanguinolência, pode acreditar, e De Born não se esquivava. A simples ideia de um campo de batalha enche De Born de felicidade.